

Exame-tipo | Poetas contemporâneos | *Frei Luís de Sousa, Almeida Garrett* | *Rimas, Luís de Camões*

GRUPO I – Partes A e B

1. Ler os textos com muita atenção. Ler os itens, **sublinhando os verbos introdutores** dos itens e o objetivo de cada um.
 2. Ter em atenção os verbos e verificar se em cada questão **há mais do que um verbo**, o que significa que terá de haver mais do que 1 tópico de resposta.
 3. **Anotar**, sob a forma de tópicos, ao lado da pergunta, **os aspetos essenciais a referir na resposta**.
-

GRUPO I

Educação Literária

Parte A

Lê o poema.

Soneto do amor e da morte

Quando eu morrer murmura esta canção
que escrevo para ti. quando eu morrer
fica junto de mim, não queiras ver
as aves pardas do anoitecer
5 a revoar na minha solidão.

quando eu morrer segura a minha mão,
põe os olhos nos meus se puder ser,
se inda neles a luz esmorecer,
e diz do nosso amor como se não
10 tivesse de acabar,
sempre a doer, sempre a doer de tanta perfeição
que ao deixar de bater-me o coração
fique por nós o teu inda a bater,
quando eu morrer segura a minha mão.

1. Transcreve três dos pedidos efetuados pelo “eu”, explicitando a sua intenção.

2. Identifica a antítese presente na última estrofe e comenta o seu valor expressivo.

3. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando da tabela a opção adequada a cada espaço.

Regista apenas as letras **a)**, **b)** e **c)** e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Ainda que a estrutura estrófica não corresponda à habitual – em duas quadras e dois tercetos – o poema tem catorze versos ____ **a)** ____, classificando-se, desta forma como ____ **b)** _____. O registo adotado, ao longo da composição poética, é predominantemente ____ **c)** _____.

Estratégias e Dicas

Parte A

Item 1

Nesta pergunta é essencial:

- 1.º **sublinhar no poema** os vários pedidos do “eu”;
- 2.º **selecionar três**;
- 3.º **identificar e explicitar a intenção (expor uma ideia clara; justificar) cada um dos pedidos selecionados.**

Item 2

Neste item, é importante rever o conceito de antítese e de seguida:

- 1.º **identificar a antítese**, transcrevendo-a para a resposta;
- 2.º **comentar o seu valor expressivo, no contexto em que se insere. Atenção:** a resposta será alvo de penalização se for apresentada a definição teórica do recurso expressivo.

Item 3

Neste item, é essencial:

- 1.º recordar a divisão dos poemas em **silabas métricas**;
- 2.º lembrar a **definição de soneto**.

a)	b)	c)
1. heptassílabos	1. ode	1. protocolar
2. decassilábicos	2. vilancete	2. solene
3. hendecassílabos	3. soneto	3. coloquial

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta as notas.

Ato Primeiro

Câmara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos princípios do século dezassete. Porcelanas, charões¹, sedas, flores, etc. No fundo, duas grandes janelas rasgadas, dando para um eirado² que olha sobre o Tejo e donde se vê toda Lisboa; entre as janelas o retrato, em corpo inteiro, de um cavaleiro moço, vestido de preto, com a cruz branca de noviço³ de S. João de Jerusalém⁴. Defronte e para a boca da cena um bufete pequeno, coberto de rico pano de veludo verde franjado de prata; sobre o bufete⁵ alguns livros, obras de tapeçaria meias feitas e um vaso da China de colo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretas⁶ rastos, contadores⁷. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. É no fim da tarde.

Cena I

10 *Madalena, só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.*

Madalena (repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler).

*“Naquele engano d’alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...”*

15 – Com paz e alegria d’alma... um engano, um engano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... (Pausa) Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (Torna a descair em profunda meditação; silêncio breve.)

20

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, Porto, Porto Editora, 2019, pp. 3-7

Nota

¹charões – objetos em forma de jarra e envernizados a laca da China;

²eirado – eira, espécie de terraço;

³noviço – aquele que se prepara para ingressar na vida conventual;

⁴Jerusalém – nome de uma ordem religiosa e militar;

⁵bufete – papelreira ou secretária antiga;

⁶tamboretas – cadeiras sem espaldar, mas com braços;

⁷contadores – móveis em forma de armário com gavetas.

4. Selecciona a opção que completa a seguinte afirmação:

A didascália apresentada no início da obra *Frei Luís de Sousa* fornece informações importantes para a compreensão da ação, designadamente

- (A) o tempo cronológico, o espaço social e o espaço físico.
- (B) o tempo histórico, o espaço social e o espaço físico.
- (C) a atuação das personagens, o ambiente vivenciado e o espaço social.
- (D) o estado de espírito da personagem, o ambiente vivenciado e o espaço social.

5. No monólogo inicial, D. Madalena está a ler *Os Lusíadas*, em particular, o episódio de Inês de Castro.

5.1. Explicita o motivo pelo qual essa leitura desperta uma reflexão sobre a sua vida.

6. Justifica o estado de espírito de D. Madalena, fundamentando a tua resposta com elementos textuais.

Estratégias e Dicas

Parte B

Item 4

Neste item, é essencial:

- 1.º centrar a atenção na didascália inicial;
- 2.º relembrar a **definição de tempo cronológico, tempo histórico, espaço social e espaço físico.**

Item 5.1.

Neste item, deves adotar a seguinte estratégia:

- 1.º **explicitar** (expor uma ideia clara; justificar) **a associação entre a vida de D. Inês de Castro e de D. Madalena;**
- 3.º **recordar a obra e o motivo pelo qual D. Madalena vive atormentada** (o corpo do primeiro marido nunca foi encontrado e o seu segundo casamento pode ser considerado ilegítimo se D. João de Portugal, o nobre com quem se casou inicialmente, estiver vivo).

Item 6

Neste item, é importante:

- 1.º **perceber a dualidade de sentimentos:** alegria e medo;
- 2.º **justificar o motivo pelo qual D. Madalena expressa sentimentos contrários.**

GRUPO I – Parte C

1. **Cumprir a instrução** que se encontra, essencialmente, **no desenvolvimento**.
2. **Fazer um esquema sobre as informações a incluir no texto**, antes de começar a redigir.
3. **Usar a estrutura tripartida** para organizar a resposta: **o desenvolvimento e a conclusão devem ser iniciados por conectores**.

Parte C

7. O desconcerto e a reflexão sobre a vida pessoal são temas comuns na poesia camoniana.

Escreve uma breve exposição, na qual demonstres a forma como estes temas são abordados por Luís de Camões, na sua poesia.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento, em que explicites, para cada uma das temáticas, um aspeto sobre o modo como a realidade é perspectivada pelo sujeito poético, fundamentando cada um deles com um exemplo significativo;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Estratégias e Dicas

Parte C

Item 7

Neste item, é essencial:

- 1.º responder aos **verbos de comando** do desenvolvimento;
- 2.º apresentar os principais conceitos da lírica camoniana sobre os temas: **desconcerto do mundo e reflexão sobre a vida pessoal**;
- 3.º apresentar títulos de dois poemas e explicar de que forma se associam à temática de cada um dos temas. **Atenção:** nestes itens há penalização na cotação se não houver uma associação entre o título do poema e a temática em análise;
- 4.º **respeitar a estrutura tripartida:** a introdução e a conclusão devem ser parágrafos mais pequenos, ao contrário do desenvolvimento, que deve incluir os tópicos essenciais para que a resposta esteja completa.

GRUPO II

1. Ler o texto na íntegra.
 2. Antes de responder a cada item de interpretação ou de gramática, voltar a ler o excerto textual correspondente.
 3. **Anotar**, sob a forma de tópicos, ao lado de cada item, **os aspetos essenciais sobre os conteúdos gramaticais solicitados**.
-

GRUPO II

Leitura e Gramática

Lê o texto.

A experiência mostrou-nos que, regra geral, não são apenas os juízos estéticos e éticos que diferem de uma cultura para outra mas também os juízos de verdade e, por vezes, a própria noção de verdade. [...]

Esta consciência da relatividade dos sistemas de valores e da contingência dos juízos influencia hoje numerosos estudos históricos e culturais. Ela ajuda-nos a libertarmo-nos um pouco do nosso provincialismo natural. Permite igualmente retificar a nossa visão deturpada pelo imperialismo europeu de que somos filhos e que nos leva a crer que o ponto de vista ocidental é o único razoável. Ajuda-nos a compreender que aquilo que é verdadeiro, belo e justo para nós não o é forçosamente para os outros. Se a própria ciência não consegue dar-nos certezas, seríamos completamente obtusos se tomássemos por ouro puro aquilo que somos os únicos a acreditar ser verdadeiro.

Saudável e importante, essa consciência do outro é, no entanto, por vezes, caricaturada numa relativização completa de todos os valores: a conclusão de que todas as opiniões são igualmente verdadeiras; que todos os juízos éticos e morais devem ser considerados equivalentes; que falar de certo e de errado, ou falar de «verdade», não tem qualquer sentido. [...] Este relativismo caricatural é a consequência de um equívoco profundo.

Levar a sério ideias diferentes das nossas não equivale a afirmar que todas as ideias são iguais. Reconhecer que podemos estar errados não significa que as noções de certo e de errado não façam sentido. Percebermos que um juízo não se forma senão no seio de um complexo ambiente cultural, e que está ligado a muitos outros juízos implícitos, não significa, de modo algum, que não possamos perceber que estamos errados.

Aprofundando um pouco mais, o problema principal deste relativismo cultural radical é que ele se contradiz a si mesmo. É certo que não existem valores de verdade absolutos, a-históricos e aculturais. Nenhum discurso está fora da sua cultura e dos seus sistemas de valores e de verda-

de. Mas, precisamente por isso, estamos sempre dentro de um sistema cultural, e, dentro desse sistema, não podemos prescindir de escolhas e de juízos. [...]

Não poderia ser de outra forma, porque pensar é julgar. Viver é decidir, a cada momento. Não existe noção de verdade fora do nosso universo de discurso, e é precisamente por isso que nós não podemos senão permanecer dentro de um sistema e não podemos prescindir da noção de verdade. Pensamos e falamos sempre e unicamente em termos dessa noção, mesmo quando tentamos negá-la.

Por outro lado, isso não implica que devamos assumir que os *nossos* critérios estéticos, éticos e de verdade são absolutos e universais, ou que são os melhores. E isso não implica que devamos preferi-los às variantes que as outras culturas, ou que a própria natureza, ou que a evolução interna do nosso pensamento nos propõem. Porquê? Porque é um aspeto estrutural do nosso universo linguístico estar aberto ao encontro com outros universos linguísticos. As diferentes culturas não são bolhas separadas, são vasos comunicantes.

Carlo Rovelli, *Anaximandro de Mileto ou o Nascimento do Pensamento Científico*, tradução de Jorge Melícias, Lisboa, Edições 70, 2021, pp. 129-131.

1. Segundo o autor do texto, a diversidade cultural põe em evidência

- (A) a similitude de valores e de juízos.
- (B) a supremacia da cultura europeia.
- (C) a relativização de noções como a verdade.
- (D) a incompatibilidade de valores.

2. De acordo com o terceiro e o quarto parágrafos, qualquer que seja o contexto cultural em causa,

- (A) as noções de errado e de certo existem sempre.
- (B) os juízos de valor permanecem inalteráveis.
- (C) a consciência do outro é sempre caricaturada.
- (D) os valores de verdade permanecem universais.

3. No texto, o autor defende que, independentemente da consciência de relativismo,

- (A) os valores de verdade raramente estão ancorados na História.
- (B) o referencial para as opções tomadas ultrapassa os valores da respetiva cultura.
- (C) o contacto com outros quadros de referência ameaça a especificidade de cada cultura.
- (D) os juízos de valor que cada indivíduo produz resultam da imersão na sua cultura.

4. No contexto em que ocorre, a expressão “*bolhas separadas*” (linha 36) constitui

- (A) uma anástrofe.

Estratégias e Dicas

Grupo II

Itens 1 a 4

- 1.º ler o item;
- 2.º ler o excerto textual que contém a informação selecionada pelo item, bem como o parágrafo anterior e o seguinte;
- 3.º ir excluindo as hipóteses que não se encontram de acordo com a informação apresentada no texto;
- 4.º rever os seguintes recursos expressivos: anástrofe, metáfora e metonímia.

- (B) uma metáfora.
- (C) uma metonímia.
- (D) uma sinédoque.

5. Todas as expressões abaixo transcritas ilustram a modalidade apreciativa, **exceto** a expressão

- (A) “*aquilo que é verdadeiro, belo e justo para nós*” (linha 8).
- (B) “*seríamos completamente obtusos*” (linhas 9 e 10).
- (C) “*Saudável e importante*” (linha 11).
- (D) “*é um aspeto estrutural do nosso universo linguístico*” (linhas 34 e 35).

6. É certo que não existem valores de verdade absolutos.

- a) Classifica a oração sublinhada.
- b) Identifica a função sintática desempenhada pela oração sublinhada.

7. Indica o valor aspetual veiculado na afirmação seguinte:

- a) “*As diferentes culturas não são bolhas separadas, são vasos comunicantes.*” (linhas 35 e 36).

Estratégias e Dicas
Grupo II

Itens 5 a 7

- 1.º** fazer um esquema com as informações principais de cada conteúdo gramatical (modalidade, valor aspetual);
- 2.º** nos itens sobre funções sintáticas verificar o antecedente, de forma a perceber se poderá ser um complemento associado a um nome, verbo, advérbio, adjetivo, ... esta informação é essencial para obter a resposta correta;
- 3.º** nos itens sobre as orações, os antecedentes (verbos, nomes, elementos correlativos, ...) são determinantes para uma correta classificação.

GRUPO III

GRUPO III

Escrita

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, elabora a apreciação crítica do *cartoon* abaixo apresentado, da autoria de Angel Boligan.



Fonte: <https://www.tuttarpitturasculturaepoesiamusica.com/2015/04/Angel-Boligan.html>

(consultado a 30/12/2022)

- MPAG12 © Porto Editora
- O teu texto deve incluir:
- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
 - um comentário crítico, fundamentando devidamente a tua apreciação e utilizando um discurso valorativo;
 - uma conclusão adequada aos pontos de vista desenvolvidos.

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

GRUPO I

Parte A

1. O sujeito poético efetua vários pedidos, como por exemplo, “*murmura esta canção*” (verso 1); “*fica junto de mim*” (verso 3); “*não queiras ver*” (verso 3); “*segura a minha mão*” (verso 6); “*põe os olhos nos meus [...]* e *diz do nosso amor*” (versos 7 e 9), ... Estes pedidos associam-se ao desejo do “eu” de manter a proximidade com o seu interlocutor, pela voz, pelas palavras, pelas mãos, pelo olhar, pelo coração.

2. A antítese “*ao deixar de bater-me o coração / fique por nós o teu inda a bater,*” (versos 12 e 13) reforça a ideia de que o “eu” dirige o poema ao ser amado, mostrando o seu amor, que é tão perfeito e que existirá enquanto o seu coração bater. O sujeito poético pede ao seu interlocutor que o recorde e que o mantenha para sempre vivo no seu coração.

3. a) 2; b) 3; c) 3.

Parte B

4. (A)

5.1. Neste monólogo inicial, D. Madalena sente que o episódio de Inês de Castro se associa à sua história de vida, pois vive um amor que poderá ser proibido e não aceite pela sociedade, caso o seu primeiro marido, D. João de Portugal, não esteja morto, como todos julgam estar. Assim, sente que a tragédia vivida por Inês de Castro possa estar relacionada com a sua história familiar.

6. D. Madalena, por um lado, sente paz e alegria por estar junto do seu amado, mas, por outro lado, vive atormentada, uma vez que tem receio de que o seu primeiro marido regresse e a sua família atual seja destruída.

Parte C

Tópicos de resposta:

Desconcerto:

- a nível social e moral – “Os bons vi sempre passar”;
- as injustiças sociais – “Os bons vi sempre passar”;
- a destruição do amor – “Verdade, Amor, Razão, Merecimento,”;
- a irremediável passagem do tempo – “Correm turvas as águas deste rio,”;
- ...

Reflexão sobre a vida pessoal

- a ação do Destino (que nunca lhe foi favorável) – “Erros meus, má fortuna, amor ardente”;
- reflexão sobre os erros que cometeu – “Erros meus, má fortuna, amor ardente”;
- demonstração do cansaço e da revolta que caracterizam a análise da sua vida – “O dia em eu que nasci, moura e pereça,”;
- ...

Conclusão: o poeta sente que vive num mundo em que os valores morais não existem e as injustiças abundam. Assim, a reflexão sobre a vida pessoal é, igualmente, marcada pelo cansaço e tristeza, em que Camões demonstra que é vítima de um destino injusto.

GRUPO II

1. (C)
2. (A)
3. (D)
4. (B)
5. (D)
6. **a)** oração subordinada substantiva completiva; **b)** sujeito.
7. **a)** valor aspetual genérico.

GRUPO III

Tópicos de resposta:

Descrição da imagem:

– um casal, que se encontra na cama, voltado de costas um para o outro e, cada um deles, com um dispositivo eletrónico.

Falta de comunicação:

– perda da qualidade essencial nas relações humanas: a empatia;

– afastamento dos casais pela falta de comunicação;

- ...

Afastamento e solidão entre os casais:

– apesar de, muitas vezes, habitarem no mesmo espaço, os casais sentem mesmo um fosso entre os parceiros;

...